

QUEM SABE O QUE É O *HINCHA*, O TORCEDOR ARGENTINO?

Maurício Drumond

Doutorando em História Comparada

Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC/UFRJ

ALABARCES, Pablo et Al. 2005. *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo Libros.

Quem sabe o que é o torcedor? Com essa pergunta, Pablo Alabarces começa sua apresentação da obra aqui analisada, *Hinchadas* – ou *Torcidas*, em português. Essa provocativa indagação foi o mote central na organização dessa coletânea de dez artigos, que nos proporcionam um panorama da produção acadêmica argentina sobre esse importante fenômeno do mundo esportivo, os torcedores de futebol.

Em grande medida por possuírem um elemento central em comum, os artigos mantêm forte coerência ao longo da obra, abordando diferentes aspectos acerca do torcedor argentino. *Hinchadas* é dividido em oito partes, ou oito visões acerca do torcedor, precedidas por uma introdução na qual Alabarces apresenta a obra. Cada parte, ou tema, é desenvolvida por um autor – ou dois, em alguns casos – que a trabalha em um ou dois artigos. A falta de um maior número de artigos por seção torna essa divisão quase tão diversa quanto o número de artigos. No caso específico deste livro, isso pode ser lido como uma tentativa de se apontar caminhos para pesquisadores interessados em se aproximar do tema, uma vez que as diferentes áreas que dividem o livro pretendem,

segundo Alabarces, “desdobrar, simultaneamente, distintas possibilidades de abordagem das torcidas” (p. 11).

O primeiro tema, *Hinchas por escrito*, é composto de um único capítulo de Mariana Conde, *La invención del hincha en la prensa periódica*. Nele, a autora busca historicizar a palavra *hincha*, começando com o período no qual os torcedores eram chamados apenas de *público* até os dias de hoje, passando por *hinchas* e *barra bravas*, entre outros. Analisando o cinema, o tango e a imprensa esportiva, Conde acompanha também a transformação na imagem e no papel dos torcedores ao longo do século, e fecha seu capítulo argumentando que a identidade do torcedor acompanhou essas modificações que foram ocorrendo ao longo do tempo, despregando-se de referências nacionais e fixando-se como uma identidade local, ou mesmo tribal.

A segunda parte, *Hinchas aguantadores*, é composta de dois artigos escritos por José Garriga Zucal e trata dos torcedores como “combatentes”, utilizando-se para isso do termo *aguantadores*. Esses seriam os torcedores que se utilizam da violência como meio de comprovação de sua masculinidade, e que por isso desfrutam de grande capital simbólico junto aos outros torcedores. Em seu primeiro capítulo, “*Soy macho porque me la aguanto*”. *Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino*, Zucal trabalha o conceito de *aguante* através da visão do torcedor. O autor entende os confrontos com torcedores rivais como meio ideal de demonstração das qualidades inerentes ao “macho”, como coragem, força física, técnicas de luta e resistência à dor. Aparece então, junto aos torcedores, o contraste entre os *aguantes* – os “machos” – e os “putos”, sendo os últimos os torcedores que fogem da luta e, portanto, não demonstram sua virilidade dentro dos parâmetros de seu grupo.

Em seu segundo capítulo, intitulado *Pibitos chorros, fumancheros y con aguante. El delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de*

identidad en un hincha de fútbol, José Garriga Zucal amplia seu olhar sobre o *aguante*, ao procurar entender outros mecanismos de identificação do torcedor através de práticas vistas como anômalas pela comunidade, como a já mencionada violência, roubos e a utilização de álcool e drogas. Para o autor, todas essas práticas devem ser vistas como mecanismos de identificação dentro de um grupo cujo estigma de violência e delinqüência já faz parte do senso comum. Assim, Zucal termina seus dois capítulos com uma mesma indagação: seriam essas práticas formas de resistências anti-hegemônicas? No entanto, apesar de apontar para uma resposta a essa questão, ele a deixa em aberto para futuros debates.

María Verónica Moreira escreve os dois capítulos da terceira parte, ou tema, do livro, *Hinchas honrosos*, frutos de seu trabalho de campo com a torcida do Club Atlético Independiente. Em *Trofeos de guerra y hombres de honor*, a autora trabalha com a hipótese de que os confrontos entre torcidas inimigas baseiam-se em uma disputa regulada sobre um importante capital simbólico, a honra. Maria Moreira entende os enfrentamentos como parte de uma relação dicotômica de honra e vergonha. Assim, a incursão contra uma torcida rival, ou o roubo de uniformes, faixas e bandeiras, por exemplo, seriam motivados pela honra. Já a desonra sofrida por tal incursão moveria a engrenagem dialética da reparação e da reconquista da honra perdida.

O segundo capítulo de María Verónica Moreira, “*El Rojo y Newell’s Old Boys, un solo corazón*”. *Reciprocidad, amistad y rito de comensalidad entre las hinchadas de fútbol en Argentina*, aponta para outro importante valor entre as torcidas – a amizade. Dentro do velho chavão “o amigo de meu inimigo é meu inimigo e o inimigo de meu amigo é meu inimigo”, a autora levanta o caso singular da relação amistosa entre os torcedores do Independiente, da região da grande Buenos Aires, e do Newell’s Old Boys, da cidade de Rosário, na província de Santa Fé. Tal relação de amizade é

influenciada por suas rivalidades locais. “*Los Rojos*”, como são conhecidos os torcedores do Independiente, têm como maiores rivais os torcedores do Racing Club, que por sua vez possuíam relações amistosas com torcedores do Rosário Central, maior rival do Newell’s Old Boys. Essa relação de amizade é exaltada quando uma dessas equipes (Independiente ou Newell’s) joga na cidade de sua contraparte. Nessa ocasião, a torcida local recebe os torcedores de fora com um churrasco, em um ritual de amizade e aliança.

O quarto tema é intitulado *Hinchas chamuyeros*, e é composto pelo artigo de Christian Dodaro – *Aguantar no es puro chamuyo. Estudios de las transformaciones en el concepto nativo*. Nesse capítulo, o autor analisa as mudanças dentro de uma torcida ao longo do tempo, nas décadas de 1980 e 90. Trabalhando com testemunhos de torcedores de diversas épocas, Dodaro procura entender também as transformações no bairro, na economia e na política, e enxerga seus reflexos nas trajetórias das torcidas. Entre as práticas analisadas por Christian Dodaro, tem destaque o papel do *aguante*, assim como visto nos capítulos anteriores, mas com atenção especial a seu papel de liderança dentro da torcida e de contato com políticos e dirigentes esportivos.

Daniel Salerno escreve o artigo que compõe a quinta parte da obra, *Hinchas televisados*, com o trabalho *Apología, estigma y represión. Los hinchas televisados del fútbol*. Esse capítulo tem como foco principal o programa de televisão a cabo *El Aguante*, voltado para os torcedores de futebol. O autor sustenta que o programa oferece não apenas uma descrição do que é ser um torcedor *aguante*, mas também provém uma prescrição de como um *aguante* deve agir. O “*programa de los hinchas*”, como se autodenomina, propõe um modelo de torcedor a ser seguido, torcedor esse que seria um modelo de torcedor ideal, valorizado mundo afora como o melhor de todos os torcedores.

Hinchas policiales é a sexta parte da obra, composta por um único capítulo de Mariana Galvani e Javier Palma, *La hinchada de uniforme*. Nesse capítulo, os autores buscam analisar a violência em jogos de futebol a partir da inserção de outro elemento junto às torcidas: a polícia. Tendo como ponto de partida uma pesquisa feita junto a torcedores, na qual 50% atribuíram aos policiais a principal causa de violência nos estádios, Galvani e Palma buscaram analisar o papel da força policial em eventos esportivos. Nessas ocasiões, a policiais não seriam vistos pelos torcedores como representantes do Estado, mas como outra torcida, mais forte e mais bem equipada, mas sujeita às mesmas regras. Nesse sentido, as atitudes policiais são entendidas como provocações que levam ao conflito. Já os policiais, “defensores da ordem”, utilizam-se de sua posição como detentores da violência legítima do Estado para atuar contra as torcidas, reproduzindo o mesmo princípio *aguante*, de força e violência.

O capítulo *El discreto encanto de la mercancia. Aguante, sicarios y pretores en el fútbol*, de Juan Pablo Ferreiro e Federico Fernández, compõe o penúltimo tema do livro, *Hinchas mercantilizadas*. A pesquisa, realizada com torcedores da província de Jujuy, no norte argentino, traz para a obra uma perspectiva não-portenha. Ainda assim, as similaridades entre os torcedores jujenhos e os portenhos são grandes. Os autores destacam em seu capítulo a utilização da violência por torcedores *aguante* como meio de troca econômica com dirigentes de instituições esportivas ou mesmo com políticos locais. Dessa forma, a violência – física e simbólica – seria utilizada por esses torcedores como mercadoria a ser comercializada. Os antropólogos jujenhos apresentam então os conceitos de *sicarização*, com a privatização da violência e sua transformação em mercadoria, *pretorização*, com a inserção dessa violência em um marco clientelista, em geral ligadas a chefes políticos, sindicais, mafiosos ou mesmo policiais, e *piqueterização*, como uma forma de resistência política através da violência popular.

Pablo Alabarces assina o último capítulo, responsável pelo tema *Hinchas mundiales*. Em *De los tribalismos a la política: las hinchadas argentinas entre la crisis, el mundial y el destino de la Patria (o como releer Fútbol y Patria un año después)*, o autor busca traçar novas reflexões sobre seu livro *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina* (2002. Buenos Aires: Prometeo Libros), a partir de eventos ocorridos após finalização: a crise política e econômica argentina em dezembro de 2001 e o fracasso da seleção argentina na Copa do Mundo da Coreia e do Japão, em 2002. Durante as manifestações que tomaram as ruas de Buenos Aires no final de 2001, a presença de símbolos futebolísticos era constante – com hinos, camisas, bandeiras e faixas, de clubes e da seleção nacional –, mostrando a força simbólica do futebol junto a um espírito de resistência e protesto. Já a Copa do Mundo, realizada alguns meses mais tarde, trazia consigo a perspectiva de nova turbulência política em caso de fracasso. No entanto, apesar de terem sido eliminados ainda na primeira fase da competição, tal prognóstico não se concretizou. Esses fatores, entre outros apontados por Alabarces, ratificariam o argumento que levantara em *Fútbol y Pátria*, o futebol e a política não mais se misturavam, o futebol seria novamente apenas futebol, sem a política.

Por fim, vale ressaltar a pertinência de obras como *Hinchadas*, que apresentam um grande panorama da produção acadêmica sobre determinado tema e ajudam a consolidar um campo de estudo dentro das ciências humanas e sociais. O único elemento que não esteve presente foi um capítulo de conclusão, onde se pudesse retomar a pergunta que dá início ao livro – “Quem sabe o que é o torcedor?” – e a partir dela se buscasse elaborar uma síntese dos esforços conjuntos em se produzir uma maior entendimento do tema junto a obra em questão.

Além da prazerosa e interessante leitura, o livro proporciona um rol de temas a serem estudados por antropólogos, sociólogos e historiadores que se interessem pela área. Ainda que trate apenas do contexto argentino, em especial da grande Buenos Aires – apesar do capítulo sobre os torcedores em Jujuy – a obra é rica em informações que podem nos auxiliar em um melhor entendimento da realidade brasileira, através de uma perspectiva comparada.